

## **Ideologia, Populismo e as Ideologias Políticas embebidas em um discurso populista.**

**Graduando: Vitor Reis de melo.**

Resumo:

Este presente artigo é dividido em três partes a primeira tenta conceituar o vocábulo Ideologia. A segunda parte busca dar conta de um conceito tão atemporal e complexo como Populismo. E a terceira e última parte analisa as Ideologias Políticas que estão contidas nos Discurso Populistas. Essas Ideologias são o Conservadorismo e o Nacionalismo. A fonte documental estudada é o Discurso de Vargas de 10 de Novembro de 1937.

Resume:

This present article is divided into three parts the first attempts to conceptualize the term ideology. The second part seeks to realize a concept as complex as timeless and populism. And the third and final part examines the ideologies policies that are contained in the Populists Speech. These ideologies are Conservatism and Nationalism. The study documentary source is the Vargas speech of November 10, 1937.

**Debatendo o conceito Ideologia.** Segundo Kalina Vanderlei Silva<sup>1</sup> e Maciel Henrique Silva<sup>2</sup>, As Ideologias são leituras particulares de mundo, que só enxerga quem consegue se posicionar no mesmo campo de visão e da mesma forma. “Considera ainda que as ideologias são formas de se entender o mundo e de se posicionar nele. Essa definição, porém, não é a única. Para muitos intérpretes, a ideologia, ao invés de esclarecer a realidade concreta, prejudica o seu entendimento” (SILVA e SILVA, 2009, 205 p.).

Segundo os autores o denominador comum é que toda e qualquer sociedade tem o seu arcabouço ideológico. “Em uma dada sociedade, não há uma “verdadeira” ideologia, mas várias. Os estudos culturais consideram que, mesmo na indústria cultural, os meios de comunicação de massa não expressam um único universo ideológico, mas sim uma pluralidade de ideologias e discursos” (SILVA e SILVA, 2009, 206 p.). Para os Intelectuais estudiosos do termo do micro a macro parte da Sociedade é instituída de ideologia, *isto é*, etnia, classe ou grupo profissional. Todavia, é uma evidência que: “Não negam a existência de uma ideologia dominante ou hegemônica, mas cada vez acreditam que, se não há ideologias que se opõem à ideologia hegemônica, existem pelo menos formas adaptativas e criativas elaboradas pelos diferentes grupos sociais para interpretar e se relacionar com tal ideologia dominante” (SILVA e SILVA, 2009, 206 p.).

Mas, é no Novecentos que o termo toma significância, quando molda-se a Doutrinas Sociais. “Nesse momento começaram a se definir o *liberalismo*, o *anarquismo*, o *Socialismo*, o *marxismo*, o *libertarianismo*, o *igualitarismo*, entre outras ideologias que orientaram atitudes individuais e coletivas de explicação e intervenção na realidade” (SILVA e SILVA, 2009, 206 p.). É ainda no século XIX que o Pensamento Marxista influência embebeda o termo ideologia.

Para Marx, a classe social economicamente dominante em uma época é também dominante em termos de ideologia, ou seja, domina a produção de ideias que permeiam o tecido social, justificando sua dominação. Assim sendo, na época de predomínio da nobreza dominava a ideologia aristocrática, e na época do domínio da burguesia capitalista, a ideologia dominante era a burguesa. Como resultado do domínio econômico da burguesia, e ajudando a consolidá-lo, surgiram novas formas de se pensar o Estado, a família, o traba-

---

<sup>1</sup> “Professora-adjunta da Universidade de Pernambuco e doutora em História pela UFPE. Coordenadora do Grupo de Estudos História Sociocultural da América Latina – UFPE (Universidade de Pernambuco)” (SILVA e SILVA, 2009, 439).

<sup>2</sup> “Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco – CEFET-PE e mestre em História pela UFPE. Pesquisador do Grupo de Estudos História Sociocultural da América Latina – UFPE (Universidade de Pernambuco)” (SILVA e SILVA, 2009, 439).

lho, a liberdade, a democracia, a ciência, a técnica, a história etc. Marx, e muitos de seus seguidores, defendiam que o discurso burguês era ideológico, apenas aparentemente verdadeiro, mas que de fato ocultava a real exploração e os reais interesses dos grupos dominantes. Nesse sentido, o conceito marxista de ideologia tende a vê-la como forma de ocultamento da realidade, como algo que permite a exploração de classe e facilita a alienação das classes exploradas. E para escapar da ideologia dominante, seria necessário um uso combinado e revolucionário de teoria e prática. Sintetizando, Marx compreendeu a ideologia não como um conjunto solto de ideias, resultante unicamente do pensamento abstrato, mas como um instrumento da dominação de classe e como uma forma de luta de classes, que só poderia ser compreendida e criticada a partir do *terreno histórico e econômico que lhe dá origem* (SILVA e SILVA, 2009, 206 p.).

Segundo Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva, a Filósofa Marilena também sofre influências marxistas na sua ideia de Ideologia: “a ideologia é um sistema ordenado de ideias ou representações, normas e regras, que aparece como algo separado e independente das condições materiais. Mas aí está o engano promovido pela ideologia, pois nenhuma ideia existe de fato sem relação com as condições materiais de existência” (SILVA e SILVA, 2009, 206-07 p.). A Ideologia ela aliena os indivíduos que se dobram a ela, e está ligada as conjunturas sócio-econômicas. “Chauí acredita, como Engels e Marx, que não basta tão só que haja uma mudança subjetiva na consciência dos homens para que se mude a realidade objetiva, a mudança deve partir da realidade objetiva, da ação não alienada que transforme as relações sociais reais. E nessa ação, a crítica à ideologia deve ter lugar, sendo relacionada com a prática política” (CHAUÍ apud SILVA e SILVA, 2009, 207 p.). E é a educação que trará os meios do caminho para quebrar o Sistema Ideológico Capitalista Industrial e perceber a Tirania Moderna em que vivemos.

A partir da década de 1970 do século, se ergueu uma Geração de Intelectuais Culturalistas, Gramscinianos<sup>3</sup> - não marxistas. Para esses “estudiosos estão definindo o sujeito não como alienado, mas como portador de experiências que lhe permitem, senão adotar uma ideologia própria, ao menos interpretar a seu modo a ideologia hegemônica” (SILVA e SILVA, 2009, 208 p.). Essa corrente sofre influência Émile Durkheim: “os autores culturalistas afirmam que na sociedade existem várias forças determinantes (...) bem como que o ideológico não é mero reflexo das condições econômicas. Buscam demonstrar ainda os aspectos “positivos” da ideologia, como o fato de que ela assegura a coesão entre os membros de uma classe ou de uma Nação” (SILVA e SILVA, 2009, 208- p.). Segundo Nicola Abbagnano, o conceito Ideologia “constituiu a corrente filosófica que marca a transição do empirismo iluminista para o espiritualismo tradicionalista

---

<sup>3</sup> Autores inspirados em Antonio de Gramsci.

e que floresceu na primeira metade do séc. XIX” (ABBAGNANO, 2007, 531 p.). Para Tom Botomorre:

Duas vertentes do pensamento filosófico crítico influenciam diretamente o conceito de ideologia de Marx e de Engels: de um lado, a crítica da religião desenvolvida pelo materialismo francês e por Feuerbach e, de outro, a crítica da epistemologia tradicional e a revalorização da atividade do sujeito realizada pela filosofia alemã da consciência (ver IDEALISMO) e particularmente por Hegel. Não obstante, enquanto essas críticas não conseguiram relacionar as distorções religiosas ou metafísicas com condições sociais específicas, a crítica de Marx e Engels procura mostrar a existência de um elo necessário entre formas “invertidas” de consciência e a existência material dos homens. É essa relação que o conceito de ideologia expressa, referindo-se a uma distorção do pensamento que nasce das contradições sociais (ver CONTRADIÇÃO) e as oculta. Em consequência disso, desde o início, a noção de ideologia apresenta uma clara conotação negativa e crítica (BOTOMORRE, 2012, 293 p.).

Segundo Andrew Heywood, “as ideias e ideologias são, portanto, simples vitrines, usadas para ocultar as realidades profundas da vida política. A Ideologia embebeu e ludibriou diversas Correntes Políticas: o Conservadorismo; o Fascismo; o Liberalismo; o Socialismo. Heywood as características mais marcantes e universais das Ideologias são: explicam o mundo a sua volta; concebem uma sociedade ideal e formulam um caminho do ponto A (inicial) ao B (final). Portanto, uma Ideologia busca resolver os nossos problemas do indivíduo. Segundo Antonio Carlos Wolkimer<sup>4</sup> as ideologias é um remédio as deformações políticas. Assim, comumente têm inúmeras características: surgem em ambiente de crise; é padronizada; é autônoma; é auto-suficiente; é metafísica; é sentimental; é abstrata; é exclusivista; é milenária; é persuasiva; é política.

**Debatendo o conceito Populismo.** Segundo Guita Grin Debert, o conceito é polêmico. “O problema central, portanto, é saber em que medida seria possível encontramos certos atributos comuns e essenciais que permitem juntar essas manifestações sob a mesma rubrica (...). Em cada caso concreto analisado, populismo aparece com expressão de camadas sociais” (DEBERT, 1979, 11 p.). São diversas as motivações que levaram os Intelectuais a estudarem o assunto. Para Intelectuais com Ernesto Laclau “o Populismo é uma Ideologia” (LACLAU apud DEBERT, 1979, 12 p.). Para Tom Botomorre o Populismo é um:

Conceito polissêmico, usado para designar movimentos sociais e políticos bastante distintos, bem como políticas do Estado e ideologias as mais diversas. Tentativas de estabelecer um conceito geral de populismo são, em geral, pouco compensadoras. Podemos, porém, distinguir proveitosamente quatro contextos mais importantes entre os muitos em que a palavra tem sido usada.

<sup>4</sup> Ideologia, Direito e Estado op. cit. (WOLKIMER, 2003, 110 p.)

Em primeiro lugar, a expressão populismo pode referir-se aos movimentos radicais norte-americanos do Sul rural e do Oeste que surgiram nas duas últimas décadas do século XIX articulando basicamente as reivindicações dos agricultores independentes então predominantes no campo dos Estados Unidos (que não eram camponeses) e dando voz às suspeitas e denúncias destes contra as concentrações de poder econômico, particularmente por parte de bancos e de instituições financeiras, de grandes especuladores agrários e companhias ferroviárias. Tais movimentos preocupavam-se igualmente com questões relativas à política fiscal e, especialmente, à reforma monetária, além de postularem a exigência da livre cunhagem da prata como antídoto para a depressão dos preços agrícolas (BOTTOMORRE, 2013, 456 p.).

Segundo Guita Grin Debert, a conferência da América Latina traz o Populismo para outra Dimensão “passa ser visto como um fenômeno de emergência das classes populares na vida política dos continentes, a partir de década de 1930. Para a Teoria da Modernização: “o Populismo corresponderia a um estágio num contínuo que vai da sociedade tradicional à sociedade moderna, tendo esta última por referência o modelo de desenvolvimento político” (DEBERT, 1979, 12 p.). Segundo Guita Grin Debert, para Gino Germani o Populismo é um fenômeno de uma Sociedade de Transição, ou seja, uma Sociedade que deixa de ser rural e passa a ser Industrial. “O desenvolvimento da participação democrática dependeria de uma certa correspondência entre mobilização e integração” (DEBERT, 1979, 14 p.).

Assim, os movimentos nacionais populares latino-americanos, característicos do período populista, se bem que pudessem derivar para formas autoritárias de governo, não implicaram, entretanto, exclusão de formas mais democráticas de formas mais democráticas de participação política. As massas disponíveis, encontrando condições limitadas para suas aspirações de participação política (...). Por isso mesmo, e para se constituir em um apelo viável às massas populares, o populismo latino-americano teve que assumir um caráter nacionalista e antioligárquico; e neste sentido, segundo Germani, acentuou as tensões entre as classes sociais ao invés de removê-las (...). No populismo essa participação efetiva, segundo o autor, não consistiu apenas de vantagens materiais concedidas às massas, mas na sensação que se lhes proporcionou de haverem alcançado certos direitos e de estarem, pela primeira vez, colocando-os em prática (DEBERT, 1979, 15 p.).

Populismo também foi um canal de manutenção do poder da Classe Dominante. Torquato Di Tella foi um refinador dos Estudos Sobre Populismo. Ele junta Estrutura dentro de Estudos Psicossociais, *isto é*, a Urbanização e Industrialização foram tão velozes que construiu um abismo entre o concreto e o abstrato. Esse dois fenômenos oprimem o Estado ao máximo que poderão. A Participação popular é explicada como a Revolução das Aspirações, já as Classes Médias são incongruentes (Conservadores). As Elites bebem da cultura européia. “Em tal situação, a perspectiva de uma democracia pluralista permanecia cada vez mais longínqua; em lugar dela, teríamos coalizões popu-

listas (...). O Populismo seria, assim, tanto para Germani como para Di Tella, um estágio de desenvolvimento político pelo qual passariam os países latino-americanos” (DEBERT, 1979, 17 p.). Segundo Tom Bottomorre:

a expressão “populismo” se desenvolveu é o das ideologias do Estado dito “populista” em países da América Latina, onde ele constitui uma estratégia política empregada pelas débeis burguesias locais para forjar alianças com as classes subordinadas, contra as oligarquias agrárias. O objetivo de tais alianças seria promover a industrialização, e elas se fazem em termos que não conferem qualquer peso independente às classes subalternas mobilizadas para a cena política. Esse processo é praticamente uma antítese do populismo como ideologia de movimentos de base rural que entram em conflito com as forças dominantes no Estado. Os casos paradigmáticos de populismo na América Latina, nesse sentido, são os do Brasil sob Vargas e seus herdeiros e o peronismo na Argentina. Devemos acrescentar, porém, que a palavra foi usada de maneira suficientemente imprecisa para torná-la aplicável a uma variedade de configurações do poder de Estado e suas bases entre o povo, em praticamente todos os países da América Latina e em outros lugares. Uma característica essencial do populismo nesse sentido é a sua retórica, que visa à mobilização do apoio entre os grupos subalternos da sociedade e seu caráter manipulador de controle de grupos “marginais”. Há uma acentuada ênfase no papel do Estado, mas esse tipo de populismo gira essencialmente em torno de um estilo de política baseado na atração pessoal de um líder e na fidelidade pessoal a ele, que têm seu fundamento num elaborado sistema de proteções e paternalismo. A ideologia populista é moralista, emocional, anti-intelectual e não específica em seu programa. Apresenta a sociedade como se estivesse dividida entre as massas impotentes e os grupos dos poderosos que se colocam contra elas. Mas a ideia de luta de classes não é parte dessa retórica populista, que prefere glorificar o papel do líder como protetor das massas. Essa estratégia política poderia ser melhor designada de personalismo do que de populismo e, nesse sentido, tem algumas afinidades e conexões com o fascismo (BOTTOMORRE, 2013, 457 p.).

Para Ludovico Incisa, é uma “Síndrome<sup>5</sup>” (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998, 990 p.). O Populismo é uniforme não podendo ser conceituado de maneira definitiva; não há luta de Classes; “O deus do Populismo é o próprio povo. O Populismo é um neopaganismo, não admite valores confessionais” (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998, 993 p.). O Populismo é Conservador, mas, não é Tradicional. Pois, não é uma ideologia imóvel; o Populismo é um Nacionalismo de duas colunas, a nação e o povo.

As definições do Populismo se ressentem da ambigüidade conceptual que o próprio termo envolve. Para Peter Wills, Populismo é “todo o credo e movimento baseado nesta premissa principal: a virtude reside no povo autêntico que constitui a maioria esmagadora e nas suas tradições coletivas” (Wills em Ionescu-Gellner, 1971); para Lloyd Fallers, o Populismo é uma ideologia segundo a qual “a legitimidade reside no povo” (Fallers, 1964); para Peter Worsley, ele é “a ideologia da pequena gente do campo ameaçada pela aliança entre o capital industrial e o capital financeiro” (Worsley, 1964); para Edward Shils, o Populismo “se baseia em dois princípios fundamentais: o da su-

<sup>5</sup> “conjunto de situações que caracterizam uma doença. Conjunto e sinais ou indícios que caracterizam uma coisa ruim, desagradável ou perigosa” (LARROUSSE, 2001, 915 p.).

premacia da vontade do povo e o da relação direta entre povo e *leadership*" (Shils, 1954) (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998, 991 p.).

### **Ideologias embebidas em um discurso populista.**

Antes de começar a analisar o Discurso de Vargas de 10 de Novembro de 1937, pretendo esclarecer alguns pontos importantes: o contexto do Golpe e a Análise de Discurso de Hakira Osabake. Segundo Paulo Vizontinni, o Mundo após a 1ª G. M. o Rei chamado Liberalismo é posto em xeque-mate pela Rainha chamada Fascismo, que passa ser uma ideologia da moda, e todas as suas Instituições passam a ser questionadas. Ao mesmo tempo, isso leva aos céus as Ideologias de Direita. Para Angela de Castro Gomes, o Brasil ainda nos anos 1919-1920 começa a ocorrer manifestações públicas de esquerda, e com isso traz notoriedade as Instituições de Esquerda como o Partido Comunista. Para a Professora e Pesquisadora Maria Celina D' Araujo é a partir dos anos de 1930 que vem a tona, uma corrente Extremista-Jovem da Aliança Liberal. Getúlio Vargas, mesmo quando Constitucional teve oposições.

Assim, entre 1930-37 ele tratou de fazer Instituições Populistas e Instituições Ditatoriais. Tem infinitos exemplos: ele fundou o MEC, que foi popularmente conhecido como Ministério da Educação. Agora, ele controla o que é ensinado nas Escolas com essa regulamentação, que parece ser muita bondade. Mas, o MEC desaprova até hoje qualquer livro de história que fale contra o Capitalismo, República ou discorde de coisas como consumismo, apesar deste ter sido inserido nos Temas Transversais Escolares. Também é publicado no Diário Oficial o novo Código de Imprensa (CID). Tornava crime toda e qualquer citação desrespeitosa com toda e qualquer autoridade pública.

Não pode ser deixado de lado que o Golpe se torna a solução devido ao ambiente de disputas política que era muito intenso, a qualquer poderia haver colisões catastróficas. Todas as camadas sociais queriam degustar do banquete chamado poder. As Oligarquias Dissidentes almejavam mudanças radicais, e participação política mais efetiva. A Burguesia Industrial, estes pensavam em duas coisas que não iriam lhe tirar o poder, mas, o colocariam com jogadores de destaque: a primeira coisa era controlar os operários em sua totalidade, se possível sem dar a eles nenhum direito para tê-los em suas mãos. A segunda coisa é um Brasil Totalmente Industrial. Os Tenentes e as Classes Médias queriam Reformas Radicais que os colocassem como convidados especiais no banquete político são: reformas político-econômicas; voto universal e secreto; e o fim

da corrupção. Os Operários queriam condições dignas de trabalho, e abertura maior na participação política. A disputa extrema de poder dá a justificativa para o Xequemate no tabuleiro. Não esquecendo que o Pai dos Pobres nos deu a CTPS, e toda uma série de direitos de pensões que jamais nunca antes houve no Brasil. E junto uma mordaza, chamada Código de Imprensa ninguém poderia criticar o Pai dos Pobres. O Golpe de 1937 é dado em nome da Paz. Segundo Angela de Castro Gomes, Vargas nunca manipulou os trabalhadores com os Discursos, mas houve um Pacto Social Vargas - Povo. Segundo Hakira Osabake, o Discurso tem três focos principais para entendermos todo qualquer discurso político: ele promove o Discursante; ele envolve o ouvinte; ele enganja, ou seja, ele traz o ouvinte para o lado de Discursante. O Golpe de 1937 foi em nome da Paz. Era o fim de um Estado Republicano Caótico e o surgimento do Estado Novo.

### **O Conservadorismo no Discurso de Vargas de 10 de Novembro de 1937.**

Segundo Maria Celina D'Araujo, esse discurso foi proclamado em 10 de Novembro de 1937, no Palácio da Guanabara, e pelo anoitecer. É transmitido pelas ondas do rádio. No dia 11 de Novembro é publicado no Jornal o Globo, na primeira página, na tiragem matutina. Primeiro ponto: a justificativa para o Golpe. Um Pai Discursante sob a égide da proteção paternal o Conservadorismo se assente no trono usando cetro da dominação direitista tradicional-legal weberiana. “O homem de Estado, quando as circunstâncias impõem uma decisão excepcional, de amplas repercussões e profundos efeitos na vida do país, acima das deliberações ordinárias da atividade governamental, não pode fugir ao dever de tomá-la, assumindo, perante a sua consciência e a consciência dos seus concidadãos (...)” (D' ARAUJO, 2011, 358 p.). Isso conota visão de Sociedade que tem o Conservadorismo segundo Andrew Heywood: “Veem a Sociedade como um organismo, uma entidade viva. A sociedade, assim, tem uma existência fora do indivíduo, e em certo sentido é anterior a Le; mantém-se unida pelos laços de tradição e autoridade e por uma moralidade comum” (HEYWOOD, 2010, 85 p.). Segundo Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva, uma boa definição de Sociedade no viés Moderno é de Peter Segwick: “sociedade é uma combinação de instituições, modos de relação, formas de organização, normas etc., que constitui um todo inter-relacionado no qual vive determinada população humana” (SEGWICK apud SILVA e SILVA, 2009, 382 p.).

Para Andrew Heywood, a Hierarquia Autoridade é uma dos pilares do Conservadorismo. A Autoridade é algo benéfico; é natural. “Deve haver líderes e seguidores;



deve haver administradores e trabalhadores (...). A igualdade social genuína é, portanto, um mito; na realidade, há uma desigualdade natural de riqueza e posição social (...) (HEYWOOD, 2010, 86 p.). Era o momento de organizar tudo para que as coisas não saíssem do controle. Para Tiziano Bonazzi o Conservadorismo é:

Profundamente ambíguo e demoníaco, o poder político é, para o Conservadorismo, o cimento da sociedade que, seja qual for a sua estrutura, sem ele, cairia na anarquia. Ao mesmo tempo, porém, confiado ao homem, o poder é intrinsecamente tirânico, se não controlado. Daí a constante preocupação pelos mecanismos políticos de limitação do poder e, principalmente, pela supremacia da lei, que o Conservadorismo muitas vezes erige em tabu intangível, como instrumento primário de estabilização dos processos sociais. Na defesa do poder político, condição indispensável à convivência social que é necessário controlar, mas não destruir, o Conservadorismo encontrou meio de reagir ao contínuo e rápido avanço do progressismo (BOBBIO, MATTEUCI, PASQUINO, 1998, 255 p.).

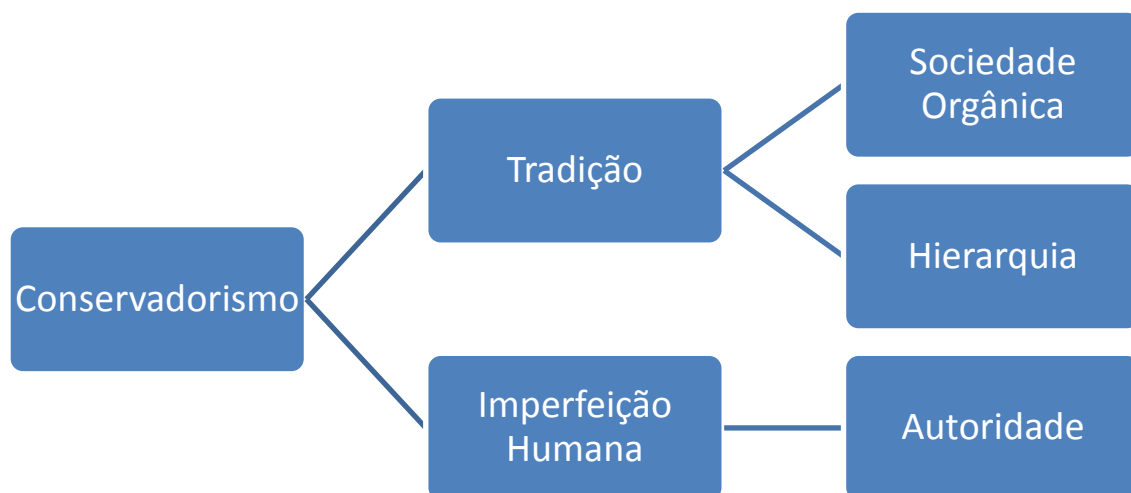
Segundo Andrew Heywood, o tempo oportuno era de Conservar o Estado Social Orgânico a custo do que fosse. Tudo isso foi em nome da Nação. Nada poderia afetar o Estado Orgânico, pois, todas as suas Instituições corroboravam para manter esse grande edifício chamado Sociedade Orgânica de pé, e conseqüentemente, a Estado de pé. E Toda tentativa de mudança Institucional que não fosse direcionada pelo Estado poderia por tudo a perder e degenerar toda a Sociedade.

As exigências do momento histórico e as solicitações do interesse coletivo reclamam, por vezes, imperiosamente, a adoção de medidas que afetam os pressupostos e convenções do regime, os próprios quadros institucionais, os processos e métodos de governo. Por certo, essa situação especialíssima só se caracteriza sob aspectos graves e decisivos nos períodos de profunda perturbação política, econômica e social (D'ARAUJO, 2011, 358 p.).

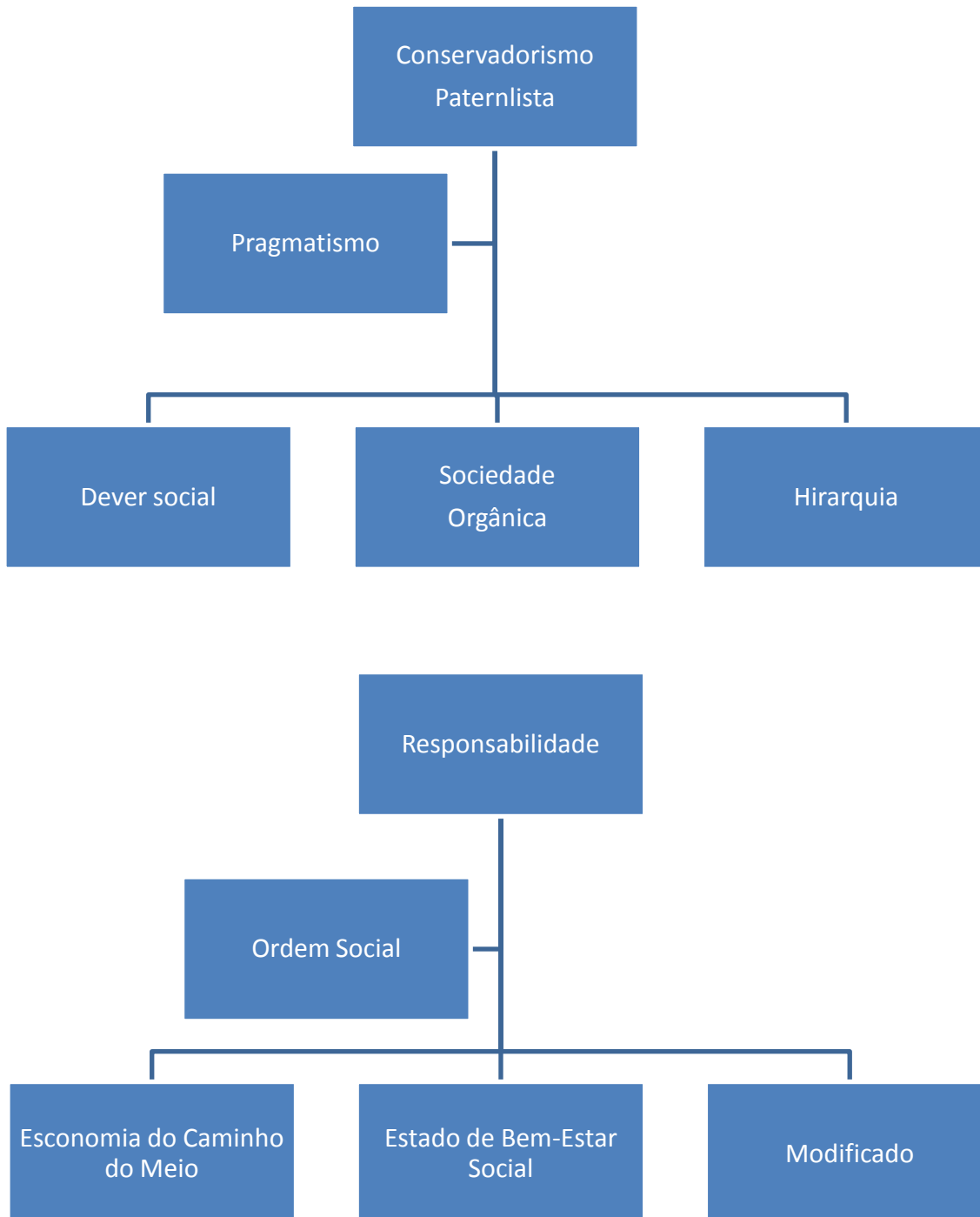
Segundo Maria Celina de Araújo, os Partidos políticos eram Instituições figuração: “verdadeira função dos partidos políticos, que consiste em dar expressão e reduzir a princípios de governo as aspirações e necessidades coletivas, orientando e disciplinando as correntes de opinião, essa, de há muito, não a exercem os nossos agrupamentos partidários tradicionais” (D'ARAUJO, 2011, 359 p.). E o que fazia Vargas ter provar isso era “a pobreza e desorganização da nossa vida política nos moldes em que se vem processando, aí está o problema da sucessão presidencial” (D'ARAUJO, 2011, 359 p.). As disputas políticas desorganização a sucessão presidencial, que o deixa a vontade para o Golpe, e com isso tem o apoio dos Militares e da Igreja. O Ano Pré-eleitoral tornou-se um ano de Pré-Guerra:

Em tais circunstâncias, a capacidade de resistência do regime desaparece e a disputa pacífica das urnas é transportada para o campo da turbulência agressiva e dos choques armados. É dessa situação perigosa que nos vamos aproximando. A inércia do quadro político tradicional e a degenerescência dos partidos em clãs facciosos são fatores que levam, necessariamente, a armar o problema político, não em termos democráticos, mas em termos de violência e de guerra social. Os preparativos eleitorais foram substituídos, em alguns estados, pelos preparativos militares, agravando os prejuízos que já vinha sofrendo a nação em consequência da incerteza e instabilidade criadas pela agitação facciosa. O caudilhismo regional, dissimulado sob aparências de organização partidária, armava-se para impor à nação as suas decisões, constituindo-se, assim, em ameaça ostensiva à unidade nacional (D'ARAUJO, 2011, 360-61 p.).

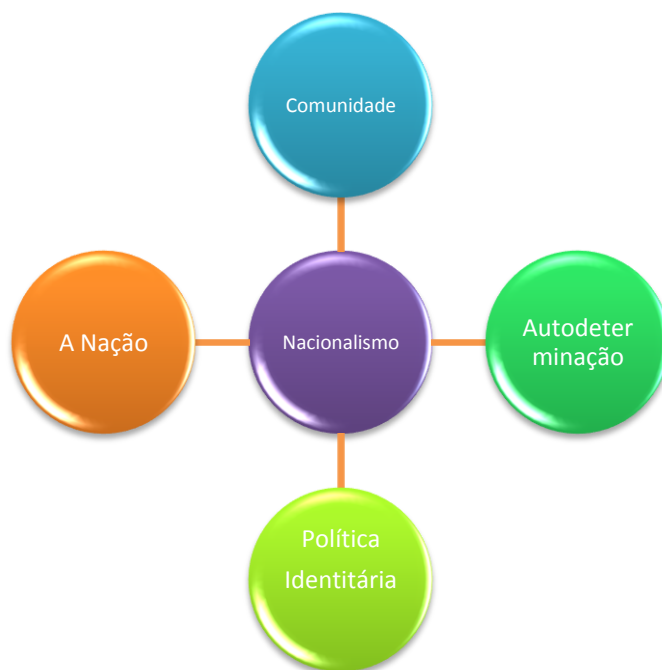
O Conservadorismo Paternalista Varguista pensa em “uma só Nação”. Não admite a ideia de uma racha. “O aparelhamento governamental instituído não se ajustava às exigências da vida nacional; antes, dificultava-lhe a expansão e inibia-lhe os movimentos. Na distribuição” (D'ARAUJO, 2011, 361 p.). Para Tiziano Bonazzi, a missão de recompor o Estado colocar os pingos nos “is”. “Caberia sim um Conservadorismo que, recuperada a inspiração original, continuasse a ser reflexão sobre a relação liberdade-limite no homem e crítica ao finalismo laico da idéia de progresso. Em contrapartida, não se pode esquecer que um dos pilares Ideológicos do Conservadorismo é a Imperfeição Humana. O Conservadorismo para Heywood é a “Filosofia da Imperfeição Humana” (HEYWOOD, 2010, 80 p.). Vejamos um gráfico do Conservadorismo na opinião de Heywood:



Toda Ideologia não é uniforme, e o Conservadorismo tem algumas ramificações. Ainda, que com uma mesma fonte. O tempo acaba dando cabo de ter variações. O Discurso de Getúlio Vargas tem como um dos seus conteúdos Ideológicos, o Conservadorismo Paternalista de *Uma só Nação*. Veja a seguir um panorama gráfico estrutural baseado análise de Andrew Heywood.



Outra Ideologia, que pode ser vista no Discurso de 10 de Novembro de 1937 é o Nacionalismo. Retornando com a ideia do da Análise de discurso de Hakira Osabake, cuja. As funções de: *promover; envolver e enganjar*. Assim, quero destacar que o Nacionalismo tem quatro pórticos temáticos principais para Difusão do Nacionalismo segundo Andrew Heywood:



Segundo Maria Celina D' Araújo, a palavra *Nação* abre o Discurso de Vargas. O item Comunidade Orgânica são pilares das duas ideologias. Para Heywood, não tem um conceito fechado de Nação, e sim um conceito aberto. Não existe “Estado” sem Nação, mas existe, Nação sem Estado. Estado é sinônimo de autonomia. Estado-Nação, estado é físico, é o limite geográfico. Nação, é ideológico, é psicológico, é metafísico, é além das fronteiras. A Nação legitima e garante o Estado. A Nação é sempre maior que o Estado. E as tradições são o Espírito da Nação. Para Eric Hobsbawn: “A base dos nacionalismos de todos os tipos era igual: era presteza com que as pessoas se identificavam emocionalmente com a sua nação e podiam ser mobilizadas (...), o nacionalismo não se identificava necessariamente com nenhuma das cores do espectro político” (HOBBSAWN, 1988, 204 p.)

Heywood definiu Nacionalismo como: uma visão de um grupo dum determinada Classe, é a busca de membros do mesmo grupo, de História parecida e mesmo sentimento. Onde os membros elegem várias qualidades que fazem pertencer ou não ao grupo. Estabelecendo alguns paradigmas. Mas, não tem um conceito fechado, apenas um conceito regional, não é universal.

### À nação

O homem de Estado, quando as circunstâncias impõem uma decisão excepcional, de amplas repercussões e profundos efeitos na vida do país, acima das deliberações ordinárias da atividade governamental, não pode fugir ao dever de tomá-la, assumindo, perante a sua consciência e a consciência dos seus concidadãos as responsabilidades inerentes à alta função que lhe foi delegada pela confiança nacional (D'ARAUJO, 2011, 358 p.).

Para Heywood, o Nacionalismo é pensado pelos Liberais, e ensina o povo a ser Nacionalista, mediante a Educação e Alfabetização. Nasce no Século das Revoluções, o Nacionalismo cria a Nação, e seus símbolos. O Nacionalismo diviniza as Nações faz com que cidadãos obedeçam ao Estado, se quem eles percebam, afinal não são mais súditos, e sim cidadãos. A crise dos Impérios Multinacionais dá força ao Nacionalismo. Nacionalismo segundo Lúcio Levi:

Em seu sentido mais abrangente o termo Nacionalismo designa a ideologia nacional, a ideologia de determinado grupo político, o Estado nacional (...), que se sobrepõe às ideologias dos partidos, absorvendo-as em perspectiva. O Estado nacional geral o Nacionalismo, na medida em que suas estruturas de poder, burocráticas e centralizadoras, possibilitam a evolução do projeto político que visa a fusão de Estado e nação, isto é a unificação, em seu território, de língua, cultura e tradições. Desde a Revolução Francesa e principalmente no nosso século, antes na Europa, em seguida no resto do mundo, a ideologia nacional experimentou tão ampla difusão, que chegou a se considerar como a única a poder fornecer critérios de legitimidade para a formação de um Estado independente no sentido moderno; ao mesmo tempo, afirma que um mundo onde haja ordem e paz poderá ter, como fundamento, unicamente uma organização internacional formada por nações soberanas (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998, 799 p.).

Nação, Nacionalismo e Nacionalidade são Ideologias e Sentimentos. O Patriotismo é uma expressão sentimental do Nacionalismo. Existem vários tipos de Nacionalismo: de Direita, de Esquerda, o Xenofóbico, e outros. O Nacionalismo ergue fronteiras, não há trânsito legal sem o aval da Nação, criou-se uma Identidade Nacional. Finda a mobilidade do homem, no erguer das fronteiras, que vão além da ideia física. O próprio Nacionalismo é a soma das propostas políticas, do Estado, que gera Nação. Assim, o “ser Nacional” é um padrão, um paradigma. A Nação ou Nacionalismo é uma bolha conceitual, não tem uma única explicação. Envolve o Espírito de quem mora na Nação. O Nacionalismo é excludente, é includente, a Nação é a raiz natural da Nacionalidade. É metafísico, é ideológico, não são amarrados Naturalmente. Em suma, o Conservadorismo de Vagas propaga o Nacionalismo Conservador, que visa organizar o Estado, depois, de tantos problemas ocorridos desde a Revolução de 1930 até as disputas políticas internas no Brasil.

## Bibliografia:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1026 p.

BOBBIO, Norberto, 1909. **A teoria das formas de governo**. Tradução de: Sérgio Bath, 9ª edição. Brasileira: Editora Universidade de Brasília, 1997, 183p.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política I**. ; tradução: Carmen C, Varriale et al. Coordenador de tradução: João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998. Vol. 1: 674 p.

D' ARAUJO, Maria Celina. **Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados**. (Centro de Documentação e Informação Coordenação de Biblioteca. – <http://bd.camara.gov.br>). Editora: câmara, Brasília, 2011.

DEBERT, Guita Grin. **Ideologia e populismo: A. de Barros, M. Arraes, C. Lacerda, L. Brizola**. São Paulo. T. A. Queiroz, 1979.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do Trabalhismo**. 3ª edição, 3ª Reimpressão, Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2005. 320 p.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias Políticas, [v.1]: do Liberalismo ao Fascismo**. Tradução: Janaína Marco Antonio, Mariane Janikian. 1ª Ed. 1ª impressão. São Paulo: Ática, 2010.

HOBBSBAWN, Eric J. **Era dos Impérios**. Tradução: Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão: Maria Celia Paoli. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

OSABAKE, H., **O componente subjetivo no discurso político**. Tese de Doutorado, I. F. H. C., UNICAMP, 1975 (mimeo).

QUINTANEIRO, Tania. **Um toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2ª ed. Revista e atualizada. Belo Horizonte. Editora: UFMG, 2009.

